

## ABOUT LINGUISTIC TENSIONS

A palavra é “internacionalização”. Trata-se de um dos jargões mais atuais da política científica brasileira. Em várias esferas, e também na ciência, o Brasil quer ser grande, quer superar de uma vez por todas seu complexo de vira-lata. E agora, tal como antes, tal como sempre, ser grande quer dizer equiparar-se aos “países civilizados”, emular as “nações mais adiantadas”.

O vocabulário anacrônico, mas constante, de fato, ao longo de todo o século 20 brasileiro, aplica-se com algumas reservas também aos dias que correm. Para onde quer que se olhe, o Brasil compara-se. Na economia, na infraestrutura, nos rankings bibliométricos de citações científicas e até no quadro de medalhas olímpicas – extraoficial, todavia, pois o Comitê Olímpico Internacional não o reconhece – queremos figurar ao lado dos tops.

Diferente do que ocorre em competições esportivas, porém, cuja linguagem, o corpo, é de fato global, na ciência, o veículo de expressão é mais provinciano: a língua, especialmente quando investiga-se assuntos arraigados em culturas particulares. A noção de que a ciência, no singular, comunica-se em inglês, e tão somente em inglês, simplesmente não é verdadeira, tanto quanto a própria ideia de que ciências são uma só. Pesquisadores italianos, de modo geral, pensam, falam, escrevem e sonham em italiano, bem como os alemães em alemão e os franceses em francês. Não é outro o motivo pelo qual polêmicas a respeito da língua que se deve usar para comunicar achados científicos também fazem parte das discussões nesses países. O dilema de incorporar o inglês na cultura científica nacional ou fortalecer a própria língua nativa só é de fácil equacionamento para os afortunados falantes nativos do inglês.

Contrariando o credo positivista do século 19, sabemos agora que não são todos os problemas de pesquisa que podem ser operados universalmente. Mecanismos fisiológicos diversos talvez ajam de modo similar em Buenos Aires ou em Taiwan. Em tese, ao menos, pode-se estudá-los e pensá-los da mesma forma, portanto, no Oeste ou no Leste. Mas pode não ser exatamente este o caso do comportamento de eleitores, de doenças tropicais, da história dos índios mapuche e de uma infinidade de outras questões, cuja importância radica-se profun-

damente em contextos muito específicos. Nem todos os assuntos interessam a todos, em todas as partes.

O que fazer então com inquietações tão específicas, tão locais, por assim dizer? Abandoná-las? Pouco recomendável. Quando editores de Nova Iorque ou de Londres não se interessam por determinados assuntos, não deriva daí, necessariamente, que os assuntos sejam desinteressantes por princípio, em si mesmos. Talvez eles não sejam interessantes para aquele contexto, mas o sejam para outros. O interesse, a relevância e mesmo o mérito de um trabalho são, em larga medida, contextuais.

O reconhecimento do caráter contextual do conhecimento, porém, não serve para justificar tribalismos, nem inibir articulação de redes internacionais ou o estímulo a interlocuções comparativas mais amplas, que têm, de fato, potencial para fazer avançar as fronteiras do conhecimento – que é o que verdadeiramente importa. Em matéria de ciência, ufanismo pode ser tão pernicioso quanto servilismo.

O antropólogo Claude Levi-Strauss, francês, dizia, em outras palavras, mais adequadas, que a riqueza de uma civilização reside fundamentalmente em sua capacidade de incorporar influências de outrem, de abrir-se para a diversidade e para o diálogo intercultural. Com esse espírito, que nossas comunidades de pesquisa tenham os seus *Brazilian Journals* publicados em inglês não é um crime lesa-pátria, mas uma oportunidade de apresentar internacionalmente o que se discute e se faz nacionalmente, ampliando as possibilidades de interação e enriquecendo, assim, nossa própria cultura científica.

Essa boa medida, contudo, para ser boa de fato, precisa estar livre de quaisquer resquícios colonialistas, tendo objetivos claros, que é ou deve ser a intensificação da nossa capacidade de assimilar conhecimentos dialogicamente, antropofagicamente, diria o escritor Mario de Andrade, brasileiro. E diálogos, diferente dos monólogos, pressupõem reciprocidade, sem o que iniciativas de encontro não seriam ocasiões de intercâmbio, de trocas, mas de dadivosas doações, onde um lado apenas fala, enquanto o outro só escuta; um só ensina e o outro só aprende; atualização, em suma, de velhas práticas que reificam assimetrias de poder.

Paradoxalmente, esforços de internacionalização não teriam sentido algum na ausência de uma comunidade científica nacional forte, pujante. Sem isso, a possibilidade de apreender ideias e técnicas in-

ternacionais para aplicação e uso no contexto nacional, móvel de tudo isso, supõe-se, não teria exequibilidade prática.

Cleber Dias  
Ana Márcia Silva  
Editores